

PE-110 - SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL DAS FAMÍLIAS DE PACIENTES ONCOPEDIÁTRICOS QUE FREQUENTAM UMA ORGANIZAÇÃO SEM FINS LUCRATIVOS NA CIDADE DE PORTO ALEGRE - RS

Victória Meneghini, Fernanda Pillman, Victória Praetzel, Maria Rita Cuervo, Ana Cristhina Henz

Centro Universitário Metodista - IPA.

Introdução: O câncer infantojuvenil, em 2019 representou 3% dos casos de câncer no Brasil. Dentre as perspectivas de cura, a terapia nutricional junto com o apoio familiar, são fatores fundamentais para êxito no tratamento. **Objetivos:** Analisar o perfil socioeconômico dos pacientes e seus familiares que frequentam uma organização sem fins lucrativos e em qual nível de insegurança alimentar e nutricional essas famílias se encontram. **Metodologia:** Estudo transversal quantitativo, realizado a partir de questionário EBIA (Escala Brasileira de Insegurança Alimentar) em versão curta e questionário próprio, com duração de 15 minutos. Foram avaliadas 50 famílias de crianças e adolescentes, pacientes oncológicos em tratamento hospitalar que frequentam uma organização sem fins lucrativos localizada na cidade de Porto Alegre no período de janeiro e fevereiro de 2019. **Resultados:** Pacientes diagnosticados com câncer entre 3 anos e 6 meses de idade, 56% do sexo masculino. Famílias compostas 32% por cinco membros, 60% com renda entre um e menos de dois salários mínimos e 38% não participavam de programas sociais. Quando perguntado se alguma vez havia terminado a comida da casa e que não teve dinheiro para comprar, 52% responderam que não e quando questionados se o responsável conseguia oferecer uma alimentação variada para a família 58% respondeu que sim. O cuidador, em 54% referiu comer menos pois não tinha dinheiro para comprar mais comida. Os resultados da escala EBIA, demonstraram que 40% dos pacientes e suas famílias apresentavam insegurança alimentar com fome e a mediana total da escala foi de três pontos. **Conclusão:** Os dados obtidos demonstram que 68% das famílias atendidas que frequentam a organização sem fins lucrativos vivem em situação de insegurança alimentar, sendo que 40%, em estado de Insegurança Alimentar com fome. Observou-se que a situação econômica influencia diretamente nessa classificação.

PE-111 - ANÁLISE DAS INTERNAÇÕES E ÓBITOS DECORRENTES DE OTITE MÉDIA AGUDA EM CRIANÇAS DE ATÉ 14 ANOS NA REGIÃO SUL EM COMPARAÇÃO COM OUTRAS REGIÕES DO BRASIL NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS

Carolina Bohn Faccio, Morgana Furtado Wallau, Sabrina Navroski, Bruna Reis Krug, Gabriela Flores do Nascimento, Carolina Della Latta Colpani, Victória Schacker, Camila Krüger Rehn, Diego da Rosa Miltersteiner

Universidade Luterana do Brasil/ULBRA.

Introdução: A otite média aguda (OMA) é uma infecção localizada na orelha média, geralmente causada por vírus ou bactérias, sendo decorrente de resfriados comuns ou alergias. **Objetivo:** Analisar o número de internações e óbitos decorrentes de OMA em crianças de até 14 anos na região Sul em comparação com as outras regiões do Brasil nos últimos cinco anos. **Metodologia:** Estudo epidemiológico transversal descritivo a partir de dados do DATASUS, de junho de 2015 a junho de 2020. **Resultados:** A região Sudeste apresentou 15.059 casos de OMA em crianças menores de um ano até 14 anos e registrou 8 óbitos durante o período analisado. A região Nordeste revelou 7.573 internações e 2 óbitos. As regiões Sul, Norte e Centro-Oeste, respectivamente, apresentaram 7.052, 2.656 e 2.567 casos, sendo registrados respectivamente nenhum, 3 e 1 óbito. Em relação à faixa etária, foram registrados 13.240 casos entre 1 e 4 anos, 7.816 casos entre 5 e 9 anos, 7.328 casos entre 10 e 14 anos e 6.523 casos em crianças menores de 1 ano. Quanto ao sexo, 54% eram do masculino e 46%, do feminino. Em relação à etnia, 49,4% eram brancos, 2,9% eram pretos, 45,8% eram pardos, 1,42% eram amarelos e 0,37% eram indígenas. **Conclusão:** No total, as 5 regiões somaram 34.907 casos de internação, e a região Sul representou 20% desse número nos últimos 5 anos – no entanto, não apresentou óbitos. A faixa etária mais acometida em todas as regiões do Brasil é a entre 1 e 4 anos. O sexo masculino foi mais prevalente que o feminino. A maior parte dos pacientes eram brancos (49,4% dos casos).